



## A representatividade negra nos tambores da Umbanda

## Black representation in Umbanda drums

### *Hélcio Fernandes Barbosa Júnior*

Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Pelotas. Bolsista CAPES. Pelotas, Rio Grande do Sul, Brasil. E-mail: helcio\_rs@msn.com

### *Leandro Haerter*

Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Pelotas. Técnico em Assuntos Educacionais do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense, Campus Pelotas. Pelotas, Rio Grande do Sul, Brasil. E-mail: leandro@pelotas.ifsul.edu.br

### *Denise Marcos Bussoletti*

Doutora em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Pelotas. Pelotas, Rio Grande do Sul, Brasil. E-mail: denisebussoletti@gmail.com

#### **Resumo:**

O texto que segue integra uma pesquisa em desenvolvimento junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Pelotas que discute a Umbanda como espaço de educação através das narrativas dos seus Caciques. A Umbanda é uma religião genuinamente brasileira, anunciada em 1908, que se caracteriza pela união de quatro segmentos da cultura Brasileira. É composta por preceitos Cristãos, pela doutrina espírita Kardecista e pela influência direta de povos indígenas e africanos que compuseram a formação do país. A Umbanda traz consigo a ancestralidade negra, representada através do arquétipo das entidades dos pretos-velhos, espíritos de escravos negros brasileiros ou africanos. Representam a sabedoria e o respeito pelos mais velhos, e é atribuída a essas entidades a função de minimizar o racismo existente desde muito tempo, pois para respeitar essas entidades, se faz necessário o resgate do respeito à diversidade étnica a qual somos constituídos enquanto nação brasileira. Além de ser componente fundamental na formação doutrinária da Umbanda, a etnia negra está inserida diretamente através dos sujeitos que praticam esses rituais, os quais se encontram, em sua grande maioria, nas periferias das cidades. A Umbanda é também entendida como componente da identidade negra em um sistema de resistência e perpetuação da cultura afro-brasileira, trazida pelos seus ancestrais quando aqui chegaram. Nesse sentido, a partir de referencial bibliográfico e observações empíricas, o texto discute a contribuição negra no interior de um terreiro de Umbanda em Pelotas/RS, privilegiando a potência educadora na fala de seu Cacique.

**Palavras-chave:** Educação; Umbanda; Resistência.

#### **Abstract:**

This text is part of a research which is being developed in a Programa de Pós-Graduação em Educação of the Universidade Federal de Pelotas and aims to discuss the Umbanda as an educational space through its Caciques narratives. The Umbanda is a genuinely Brazilian religion, announced in 1908, that can be characterized by the union of four segments of the Brazilian culture. It is composed of Christian precepts, of the Kardecista spiritual doctrine

and the direct influence of indigenous and African whose formed the formation of the country. The Umbanda brought the black ancestry, represented by the archetype of the pretos-velhos, which are Brazilian black or African slaves spirits. Its represent the wisdom and the respect to the older, and is attributed to these entities the function to minimize the racism that exists a long time, because to respect the entities is necessary the rescue of respect for ethnic diversity which we are constituted as Brazilian nation. Beyond being an fundamental component in the Umbanda doctrinal formation, the black ethnicity is inserted directly through the people who practice these rituals, which are, mostly, on the city peripheries. The Umbanda is also understood as a black identity component in the Afro-Brazilian culture resistance and perpetuation, brought by their ancestors when they arrived. Thus, from bibliographic references and empirical observations, this text discusses the black contribution inside a terreiro of Umbanda in Pelotas/RS, emphasizing the educational power in the speech of its Cacique.

**Keywords:** Education; Umbanda; Resistance.

## Introdução

A Umbanda é uma religião genuinamente brasileira, anunciada em 1908 pelo Caboclo das Sete Encruzilhadas, através do aparelho – pessoa que recebe as entidades na Umbanda – Zélio Fernandino de Moraes. Até então, não se ouvia falar a palavra Umbanda no Brasil, embora os fenômenos de incorporação, benzeduras, passes e manifestações de espíritos existissem desde sempre. Como uma religião nascida em um país colonizado, de forte influência das tradições culturais dos negros que aqui chegaram sob condição escrava, as práticas umbandistas possuem em seus rituais elementos advindos do Cristianismo (catolicismo), pois toda religião que propaga a crença em Jesus Cristo é considerada cristã; do Kardecismo devido as suas crenças na existência de espíritos (Inclusive pai Zélio Fernandino era frequentador de um centro espírita Kardecista, a Fundação Espírita de Niterói), continuidade da vida após a morte e a lei do carma; Indígena devido o uso de ervas medicinais que se faz presente nos rituais de cura da Umbanda, bem como a pajelança associada aos caciques e médiuns; e também Africana, através do culto ao Orixá, e também, aos pretos-velhos, que seriam espíritos que em sua última encarnação vieram ao plano terrestre encarnados no corpo de africanos ou escravos brasileiros advindos da África.

O que nos interessa nesse artigo é contribuir com a discussão sobre a maneira como os conhecimentos dessa tradição, essa pedagogia umbandista, são desenvolvidas dentro dos terreiros, tendo como eixo norteador a influência negra.

## A Tradição Oral

Ao contrário de religiões como a católica e o Kardecismo, onde há um estudo sistematizado dessas religiões, sendo a primeira através do livro maior, a bíblia, e o segundo pelos escritos de Allan Kardec, a Umbanda não possui um documento escrito, uma chave para auxiliar e justificar seus preceitos aos seguidores, como diz Alexandre Cumino:

A falta de uma escola doutrinária dos preceitos umbandistas é motivo de constantes e diversas distorções nos cultos afro-brasileiros. Infelizmente, essas confusões em relação às diversas divisões da seita têm a tendência a crescer pela falta de conhecimento de muitos

chefes de terreiros, que, aprendendo errado, ensinam errado a seus iniciados. Infelizmente é comum verem-se pessoas que, apesar de já labutarem na seita há vários anos, incorrem em erros graves de interpretação, que os denigre na presença dos conhecedores dos verdadeiros significados cabalísticos dos cultos<sup>1</sup>.

Assim sendo, a maneira encontrada pelos caciques<sup>2</sup> e praticantes da Umbanda para ensinar os que chegam às casas para participar dos rituais de gira e doutrina é a oralidade. Essa prática acontece dentro dos próprios terreiros durante os ritos ou em conversas informais sobre o assunto, e pode ser dirigida tanto pelo Cacique da casa quanto por entidades que ali estejam para desenvolver seus trabalhos. Essa forma de conhecimento deve estar acessível à todos aqueles que pretendem, ou tornar-se umbandistas, ou simplesmente conhecer a doutrina, que além de religiosa pode ser considerada cultural e filosófica. A gratuidade e disponibilidade á todos quanto ao processo de ensino da Umbanda justifica-se por ser uma doutrina que propaga a caridade e a fraternidade, não devendo negar conhecimento á ninguém. Cumino traz através das palavras de Zélio Fernandino, essa noção de disponibilidade do aprendizado da Umbanda, que nos diz que “Com os espíritos adiantados evoluímos, aprendemos. Aos atrasados, amparamos e ensinamos. E, a nenhum, negamos a oportunidade de uma comunicação”<sup>3</sup>.

Sobre as questões da oralidade o filósofo e ensaísta Walter Benjamin<sup>4</sup> traz a narrativa como forma de aprendizado e troca de experiências. Tratando-se da Umbanda, não poderia ser mais propício compreender a partir de uma perspectiva benjaminiana o papel deste sujeito que narra, conta as histórias no tempo, e através dele. A bibliografia a respeito da Umbanda é muito recente, e é neste momento que a narrativa torna-se a principal forma de conhecimento, porém essa arte está cada vez menos valorizada, a arte de contar histórias está se perdendo cada vez mais. O ato de contar histórias deve ser perpetuado, segundo Benjamin, pelo fato de que “contar histórias sempre foi a arte de contá-las de novo, e ela se perde quando as histórias não são mais conservadas”<sup>5</sup>. Dessa maneira, não se perde o que poderíamos chamar de as raízes da nossa história e da humanidade.

### **A Importância da Narrativa na Umbanda**

A presença da tradição e cultura negra na Umbanda para que não se perca no tempo, necessita da figura desse narrador para perpetuação dessa história, caso contrário ela se perderá ou irá transformar-se em outras narrativas distorcidas. O arquétipo do Preto-velho<sup>6</sup> traz em sua raiz mais primitiva o narrador, que, segundo Benjamin, quando associa a narrativa ao conto de fadas, nos diz que: “O primeiro narrador verdadeiro é e continua sendo o narrador de contos de fadas. Esse

---

<sup>1</sup> CUMINO, Alexandre. *História da umbanda, uma religião brasileira*. São Paulo: Madras, 2011. p. 53.

<sup>2</sup> Pessoas responsáveis dentro dos centros de Umbanda pelo andamento dos trabalhos de passe e conforto.

<sup>3</sup> CUMINO, 2011, p. 24.

<sup>4</sup> BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas I. Magia e técnica, arte e política. Escritos sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 2012.

<sup>5</sup> BENJAMIN, 2012, p. 221.

<sup>6</sup> Neste caso, usaremos o conceito de Jung de arquétipo, como sendo os traços funcionais do inconsciente coletivo, aplicados, neste caso muito específico, aquilo que significa Preto-Velho para os umbandistas (MEDNICOFF, 2008, p. 62).

conto sabia dar um bom conselho quando ele era difícil de obter, e era o primeiro a ajudar em caso de emergência. Essa emergência era a emergência provocada pelo mito”.<sup>7</sup>

As relações humanas se fortalecem através da narrativa. Em tempos de relações com o conhecimento cada vez mais virtuais, a Umbanda quando transmitida de forma oral, acentua a necessidade do olho no olho, de nos relacionarmos com o outro de forma viva, atenta e interessada. Torna-se um fator ético estar atento aquilo que o narrador tem a transmitir, de maneira que se possa transmitir com a maior fidelidade possível o conteúdo apreendido.

Através da narrativa, o cacique de Umbanda se desloca no tempo, traçando relações entre o que é a Umbanda fundada em 1908 e a (res)significada para os dias de hoje. Benjamin endossa a ideia:

Comum a todos os grandes narradores é a facilidade com que se movem para cima e para baixo nos degraus de sua experiência, como numa escada. Uma escada que chega até o centro da terra e que se perde nas nuvens – é a imagem de uma experiência coletiva, para a qual mesmo o mais profundo choque da experiência individual, a morte, não representa nem um escândalo nem um impedimento<sup>8</sup>.

Transmitir a Umbanda torna-se não somente uma maneira de perpetuar sua história, anúncio e fundação, como também serve para que a prática do mito seja preservada. A maneira como acontecem os rituais, o ensinamento de abertura e fechamento dos rituais é passado de geração à geração através de uma prática narrada. O antropólogo Jack Goody contribui com essa afirmação quando faz a relação entre a oralidade e o mito dizendo que,

Na esfera do ritual e da religião, por exemplo, há uma considerável variação, mesmo entre povos vizinhos [também entre diferentes centros de Umbanda [...]] Isso é bastante compreensível. Em primeiro lugar, a exata repetição de longos rituais, apesar de todas as intenções, é difícil de preservar com o passar do tempo, especialmente se são realizados apenas de vez em quando. As variações vão se introduzindo parcialmente porque a memória é imperfeita e as pessoas fazem o melhor que podem. Esse processo é ainda mais evidente com as palavras que acompanham os rituais, especialmente aquelas longas recitações que chamamos de “mitos”<sup>9</sup>.

Histórias contadas através da prática da oralidade e da realização de seus rituais - é assim que a Umbanda vem através do tempo se perpetuando. A falta de escrituras que pudessem guiar a realização dos seus rituais torna a prática umbandista ainda mais rica, pois precisa exatamente de um fator que vem na sua essência, a comunhão e o encontro com o outro.

### **Tradição Negra na Umbanda**

A etnia negra está inserida diretamente na trajetória da Umbanda, seja ela na sua formação, como já comentado anteriormente, seja como praticantes dessa nova forma de ver a espiritualidade e também na entidade do Preto-velho. Os pretos velhos são representados pelo arquétipo da sabedoria, do conhecimento, da amorosidade e carinho que transmitem através do médium em

<sup>7</sup> BENJAMIN, 2012, p. 232.

<sup>8</sup> BENJAMIN, 2012, p. 232.

<sup>9</sup> GOODY, Jack. *O mito, o ritual e o oral*. Rio de Janeiro: Vozes, 2012. p. 63.

estado de incorporação. Geralmente contam, quando tem oportunidade, suas histórias de dor e sofrimento quando ainda encarnados como escravos brasileiros e alguns até como africanos. Sua maneira de andar, sempre muito curvados e com o peso que a idade lhes impunha, pode ser conferido ao visitar os casarões antigos, do tempo da escravidão, e ir até as senzalas, ou porões – lugares onde ficavam os chamados escravos domésticos, aqueles que moravam nos casarões de seus patrões –, lugares cuja altura é bem baixa, o que impedia o escravo de levantar o tronco e andar na maneira normal. Este incômodo físico que era causado aos negros, além de representar subserviência perante seus “donos”, em relação aos níveis de altura aos quais se colocavam, reduzia a possibilidade física do escravo de fugir dos casarões.

Ainda sobre os Pretos Velhos, Rubens Saraceni caracteriza-os não só como sendo exclusividade dos negros que foram escravizados, mas também a partir da premissa de espíritos em fase de evolução que o assumem como forma de se redimir dos pecados cometidos quando ainda encarnados perante Deus:

O arquétipo mostrou-se a todos, poderoso e amoroso; o sábio ocultado por trás do jeito simples de falar. Quem pensou nesse arquétipo pouco importa, pois foi de uma sabedoria ímpar, e hoje “baixam” nos centros de Umbanda centenas de milhares de espíritos que o assumem para, também eles, se redimirem perante Deus de erros, falhas e pecados do passado. A figura nobre, humilde e carismática do “Preto-velho”, tornou-se imortal, encantou-se e adquiriu vida própria. O arquétipo do preto velho na Umbanda é tão forte e poderoso que milhões de espíritos evoluidíssimos o adotaram como meio de se mostrarem ou de se apresentarem aos encarnados nos centros de Umbanda e nos centros espíritas, onde também baixam discretamente para fazerem a caridade em nome de Jesus<sup>10</sup>.

Quando Saraceni usa o termo “discretamente”<sup>11</sup> em sua fala, remete ao fato de, durante muito tempo, os espíritos que se diziam de negros escravizados e índios brasileiros não poderem falar nos centros espíritas Kardecistas por serem vistos como espíritos de menor evolução e conhecimento que os demais. O preconceito está inserido em nosso cotidiano desde muito tempo, tanto no que se refere à etnia negra quanto à Umbanda. Um fato que pode ser citado aqui, até mesmo como fator de resistência, é a relutância de algumas religiões em aceitar ambos como elemento formador, e, por isso, em pé de igualdade para com os demais, na formação do povo brasileiro.

Em diversas escolas, a temática Umbanda, assim como relações raciais, é simplesmente ignorada, como se algumas pessoas considerassem todos os brasileiros iguais, o que os caracteriza como católicos – sabe-se, desde sempre, que a religião católica é a única abordada pela grande maioria dos professores da disciplina Religião nas escolas –, e brancos, o que acarretou em uma lei de nº 10.639/03 que torna obrigatório o ensino da história e cultura africana e afro-brasileira nas escolas públicas e privadas do Brasil no âmbito da Educação Básica, pois até então esse tema era invisível aos insensíveis olhos dos educadores.

<sup>10</sup> SARACENI, Rubens. *Arquétipos da Umbanda, as hierarquias espirituais dos Orixás*. São Paulo: Madras, 2011. p. 97.

<sup>11</sup> SARACENI, 2011.

Os terreiros estão localizados, geralmente, nas periferias das cidades brasileiras, e como a maioria de seus moradores é negra, este fato justifica a grande participação dos negros nos rituais de Umbanda. Os homens geralmente se encarregam de tocar os tambores, como também de participar da corrente, e as mulheres ficam encarregadas de proferir as rezas, organização do terreiro, preparo das comidas nos dias de festa e também compõe a corrente nos dias de ritual. Ambos trabalham como médiuns incorporando as entidades da Umbanda. Aliás, quanto à participação dos negros na Umbanda, ou de qualquer outra etnia ou fator que possa diferenciar as pessoas, Saraceni afirma: “Não há racismo entre os umbandistas, porque por meio dos seus Caboclos índios amam os índios, por meio dos seus Pretos-Velhos amam os negros”.<sup>12</sup> Sendo assim, é vetada qualquer atitude discriminatória dentro dos terreiros, estendendo-se também às questões sexuais, uma vez que espíritos não possuem sexualidade, podendo encarnar tanto em corpos masculinos como femininos.

A preocupação em descrever como viviam os negros, espíritos que hoje incorporam nos terreiros de Umbanda é interesse de literaturas especializadas nos dias de hoje. No livro *Tambores de Angola* de Robson Pinheiro, literatura considerada espírita, no capítulo intitulado Tambores de Angola, há uma bela descrição da vida dos negros na época da escravidão. Os açoites sofridos por eles eram descritos de forma exemplar, narrando desde o papel desenvolvido pelas sinhazinhas da época, até os maus tratos dos que padeciam nas mãos dos senhores das terras. Em uma época onde a Umbanda ainda não era anunciada, restava recorrer aos Orixás nos momentos de dor e agonia. Esses mesmos negros escravizados que rezavam em busca de conforto, hoje pertencem aos centros de Umbanda, incorporando na forma de espíritos mentores capazes de auxiliar ao próximo, seja através de benzeduras ou palavras de conforto.

Aqueles eram dias difíceis, e nós aprendemos com os cânticos de Oxóssi e as armas de Ogum o que era se humilhar, sofrer e servir, até que nosso espírito estivesse acostumado tanto ao sofrimento e a servir sem discutir, sem nada obter em troca, que, a um simples sinal de dor ou qualquer necessidade, nós estávamos ali, prontos para servir, preparados para trabalhar. E nosso pai Oxalá nos ensinou, em meio aos toques dos tambores nas senzalas ou aos chicotes do capitão, que é mais proveitoso servir e sofrer do que ser servido e provocar a infelicidade dos outros.<sup>13</sup>

Neste trecho do livro e em várias outras passagens do capítulo, o autor nos mostra que mesmo com muito sofrimento, a crença em algo maior – Oxalá e os outros Orixás – de maneira consoladora já se fazia presente nas narrativas dos escravos africanos que aqui chegaram. A umbanda é uma religião agregadora e não pode por essência discriminar ninguém. Os negros encontraram e encontram na religião um lugar onde podem ser quem realmente são, professando sua fé de maneira a cultuar seus ancestrais. Seja na condição de umbandista ou através da sua representatividade na imagem dos Pretos-Velhos, os negros e suas questões de resistência e reparação de um passado de sofrimento se fazem presentes cada dia mais dentro da religião.

---

<sup>12</sup> SARACENI, 2011, p. 48.

<sup>13</sup> PINHEIRO, Robson. *Tambores de Angola*. Contagem/MG: Casa dos Espíritos, 2006. p. 196.

## Fatores de Resistência

Vivemos em uma sociedade onde as padronizações se dão a partir de uma cultura europeia, branca e católica. A Umbanda é uma religião genuinamente brasileira, agregadora de etnias e não discriminatória em diversas questões. Torná-la visível e reconhecida entre todos é uma maneira de combater preconceitos e modelos pré-estabelecidos.

Hoje já se pensa sobre essa questão e um dos expoentes desse pensamento com um olhar voltado para as minorias é Peter McLaren<sup>14</sup> que, em seu livro *Multiculturalismo crítico*, apresenta elementos de combate que certamente se adequam às discussões até agora suscitadas nesse texto. McLaren atribui a uma “[...] mídia controlada por uma elite branca que tem ignorado as condições sociais e econômicas responsáveis pelas causas do que tem acontecido nas comunidades afro-americanas”<sup>15</sup>, fato muito semelhante ao que acontece no Brasil, onde as religiões de matriz afro, a Umbanda e todas aquelas que representam uma parcela minoritária, as pesquisas do IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – demonstram isso<sup>16</sup>, são mostradas sempre de uma maneira pejorativa e agressiva. Não conhecendo a Umbanda, atribuem-lhes caráter religioso direcionado à feitura de maldades, o que não condiz com as leis principais da doutrina que são a caridade e a fraternidade. Há que, como forma de resistência, criar formas para que essas culturas não se percam no tempo, nem sofram transformações drásticas que possam comprometer seu caráter. De acordo com McLaren,

Isto significa alistar nossas pedagogias a serviço das pessoas pobres, despossuídas e oprimidas. Significa interrogar, perturbar, desmistificar, descentrar criticamente os sistemas de inteligibilidade que guiam a sociedade panóptica e disciplinar, que gesta a soberania, a lógica da divisão e autoridade, sintomaticamente reveladas pela crise do politicamente correto<sup>17</sup>.

Aliar os conhecimentos obtidos através das narrativas orais com a transmissão desses conhecimentos torna-se fator de resistência e condição *cine qua non* de todo pesquisador e estudioso da Umbanda.

## Considerações Finais

Compreender os elementos formadores da cultura de um povo é fundamental para que nos reconheçamos enquanto história. A Umbanda traz consigo, dentre as diversas vertentes que a constituem, a etnia negra como importante consolidadora de seus preceitos de caridade e fraternidade.

---

<sup>14</sup> MCLAREN, Peter. *Multiculturalismo crítico*. São Paulo: Cortez – Instituto Paulo Freire, 2000.

<sup>15</sup> MCLAREN, 2000, p. 58.

<sup>16</sup> Nas pesquisas do censo 2010, aparecem 64,6% da população brasileira caracterizada como católica apostólica romana, 22,2% evangélicos, e 0,3% como sendo de umbandistas e candomblecistas. Nota-se que para dados de estatística, a Umbanda e o Candomblé representam a mesma coisa, quando na verdade são religiões completamente diferentes e com práticas que não se assemelham. Cabe ressaltar que a Umbanda é uma religião brasileira, enquanto que Candomblé é uma prática africana desenvolvida em nosso país pelos descendentes de africanos que aqui se encontram.

<sup>17</sup> MCLAREN, 2000, p. 52.

Em um mundo onde os preconceitos a cada dia mais nos assombram, partindo inclusive de instituições – religiosas – que deveriam pregar a paz e igualdade a todos, cabe aos umbandistas e comunidade em geral agregar os negros cada vez mais em seus discursos, não só como uma maneira de reparação de um passado de injustiças e sofrimento, mas também como elemento formador da nação brasileira. Na umbanda, as entidades dos Pretos-Velhos desenvolvem esse papel, lembrando a cada dia de trabalho que muita história há por trás da sociedade que vivemos hoje. Um a história de trabalho braçal, onde as mãos dos negros foram, de maneira muito cruel, usadas para construir tudo que vemos nas ruas, estradas e praças de nossas cidades.

A influência que trazemos dos nossos ancestrais, que, de certa forma, fortalecem a cultura local advinda da África, e ao mesmo tempo nos fornece elementos para a constituição de uma nova maneira, uma nova forma de culto, mais próxima à nossa realidade, a Umbanda. Articular a doutrina religiosa da Umbanda com uma nova forma de enxergar o mundo, através da sua diversidade, é uma proposta que se torna atual, e que necessita de força, antes que nossa cultura primária caia nos esquecimento, e que essas pessoas que transmitem essa tradição sejam também esquecidas.

## Referências

BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas I. Magia e técnica, arte e política. Escritos sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 2012.

CENSO IBGE 2000. *Características gerais da população, religião e pessoa com deficiência*.

Disponível em:

<http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/imprensa/ppts/00000009352506122012255229285110.pdf>. Acesso: em 18 set. 2013.

CUMINO, Alexandre. *História da umbanda, uma religião brasileira*. São Paulo: Madras, 2011.

GOODY, Jack. *O mito, o ritual e o oral*. Petrópolis: Vozes, 2012.

MCLAREN, Peter. *Multiculturalismo crítico*. São Paulo: Cortez/Instituto Paulo Freire, 2000.

MEDNICOFF, Elizabeth. *Dossiê Jung*. São Paulo: Universo dos Livros, 2008.

PINHEIRO, Robson. *Tambores de Angola*. Contagem/MG: Casa dos Espíritos, 2006.

SARACENI, Rubens. *Arquétipos da Umbanda, as hierarquias espirituais dos Orixás*. São Paulo: Madras, 2011.